

*de* *Paulista*  
*Veve* *caricatura*  
1934

## À margem de Keyserling...

**N**o meio da névoa, por entre os apitos e as sirenas, ha um navio que avança... Não é romance, não! É Keyserling que chega. É mais um "globe-trotter" que invade a nossa casa. Esse turista vive mais tempo metido em navios e trens, do que estudando em gabinetes e bibliotecas. E o pior é que êle quer se fazer de reporter: por um dia que passa entre um povo, aparece depois um volume de 500 páginas no mínimo. De análise espectral. De meditação. De diário. E o pobre diabo que teve a gentileza de lhe oferecer hospitalidade, vê-se depois analisado por processos astrofísicos, psicanalíticos e mágicos. Porque, Keyserling antes de ser um pensador é um mágico. Um prestidigitador. Um homem que vai de aldeia em aldeia dando espetáculos de mágica. O seu repertório já está velho. Os números já são muito conhecidos, não ha dúvida. Mas sempre espantam os aldeães. Pobres coitados! Na cidade, quando se vê cercado do mundo oficial, êle sente temores mortais e suores frios ao ter de puxar o lenço do bolso da casaca ou de meter a mão nos bolsos da calça. Lá póde estar ainda escondido algum pombo de azas cortadas, ou algum coelho domesticado, esperando piamente a hora de entrar em cena. O perigo maior, porém, é o de abraçar os amigos: porque os seus bolsos andam sempre cheios de ovos para as suas exhibições. Quando eu vi o retrato de Keyserling pela primeira vez, tive a impressão de um artista que esquecesse de tirar a caracterização ao deixar o palco. Talvez algum Mefistófeles com barbas postizas; de alguma companhia de saltimbancos, ou de algum circo provinciano...

Keyserling é um camelot que faz mais anúncio dos seus produtos do que Bernard Shaw ou do que aquela drogaria que fica a 93 passos da avenida Rio Branco... Ele viaja muito. Demais, mesmo! Mas não à maneira despreocupada dos verdadeiros turistas. Dos poetas. Dos diletantes. As suas viagens são sempre comerciais. Puramente de negócio e de propaganda. Como bom mágico, êle não deixa escapar mais esse passe de cabala. Aproveita-os todos. E vai pessoalmente deslumbrar os seus freguezes e os seus livreiros. Leva a cada um a sua palavra comovida de agradecimento e incentivo. A companhia está em perigo! Se algum dia as suas malas se abrissem de súbito, todos veriam, em vez de roupas e sapatos, somente uma enorme quantidade de livros. E livros de todas as côres e de todos os tamanhos. De todas as línguas e de todos os editores. Cada paiz por onde êle passa se vê, após sua ida, inundado com os seus livros e com as suas dedicatórias. Dedicatórias limpas, claras, alinhadas. Ele não precisa de agências de publicidade. Ele proprio é o seu agente. Em cada agência telegráfica êle transmite uma notícia a seu respeito.

Isso eu ouvi numa roda de pessoas maldizentes. Uns o chamavam de cabotino e charlatão. Outros preferiam dizê-lo mágico e prestidigitador. E uns terceiros diziam-no ainda astrólogo e teósofo. Porque — continuaram esses invejosos — talvez como o Dr. Fausto ou como o Dr. Carrel — a pantomina ainda é a mesma, não? — êle procure a pedra filosofal e o elixir da longa vida. Talvez o último pensamento de afecção e de saudade de Annie Besant, antes

de morrer, tivesse sido para o seu mais brilhante discípulo do Ocidente: Graf Hermann von Keyserling.

E que saibam todos: esse grupo de iconoclastas tinha razão. Quem assim falava de Keyserling não faltou à verdade. Não inventou nada. Foi simples reporter. Porque é o próprio Keyserling quem o declara. No seu livro **O conhecimento creador**, êle diz que a doutrina que representa toda a ciência do nosso século é a teosofia de Steimnetz. Para êle já passou a época das grandes teorias, das grandes hipóteses. Dos grandes sistemas, fechados e completos. Ele próprio fundou uma escola de sabedoria em Darmstadt, apoiado pelo gran-duque de Hessen. Ele pretendia iniciar os ocidentais no grande segredo da serenidade oriental. Todos acabariam senhores dos tradicionais mistérios dos fakires e dos yogis. E os mágicos não se fizeram esperar. Começaram a aparecer. Por lá já passaram Rabindranath Tagore e Krishnamurti. E por todos os lados, no jardim e nos salões, nas portas e nas janelas, toda uma multidão se comprimia esperando a distribuição dos passes encantados. Curam, divertem e ensinam os princípios da sabedoria budista. Muitos quando saem de lá se sentem aliviados de alguma coisa. Da carteira, não ouzo dizer. Mas do juízo, é quasi certo. Porque o que mais falta nesse mágico é juízo. Pensamento sério, honesto, profundo. Sem blagues, nem jogo de palavras. Sem vulgaridades, nem falsas afirmações.

Toda a filosofia de Keyserling é irracionalista e anti-intellectualista. Ele se baseia somente em instintos, em tendências, em inconcientes, em irracionais. Tudo no homem é resultado de herança, de qualidades inatas. Na história, êle aplica a sua teoria do sentido. O sentido é uma especie de lógica interna, de intuição irracional da alma de cultura, que envolve os indivíduos e os conduz. São vivências em lugar de experiências. São acontecimentos interiores. São símbolos. Este sentido de Keyserling é a "alma de cultura" de Spengler, é o paideuma de Frobenius. Até a propriedade, Keyserling diz ser um instinto, de origem racial. Ela pertence ao sangue, ao plasma germinativo, à biologia, e não à sociologia e à história. Não se póde modificá-la. Ela escapa ao controle social. Para tudo Keyserling inventa um instinto. Explica tudo por um instinto misterioso e cabalístico. O que me faz lembrar do que disseram Sumner e Keller com respeito aos sapatos dos escocezes, e que não deixarei de citar. Vale a pena: "Quando um escocez passa na escala social de uma classe inferior para a classe média os sapatos se tornam para êle uma necessidade. Ele não os usa para conservar os seus pés, mas para conservar a sua situação social... Algum dia, um filósofo emitirá a opinião que os sapatos foram inventados por inata pudicícia de mostrar os pés, teremos assim descoberto um novo instinto." Penso que basta. E' decisivo.

Keyserling é o inimigo público — e particular — número 1 da ciência. A ciência que sempre primou em dar conforto e bem estar à humanidade. Em afastar os homens da confusão e do terror cósmico, da ignorância e da submissão à natureza. Em livrá-los do erro e do ódio, da crueldade e da intolerância. Ele a critica acerbamente. E isto somente porque ela procura explicar — e desencantar — os seus métodos mágicos. E toda sua filosofia reside em intuições, em sentidos, em vivências. Sente-se, mas não se compreende. Sabe-se, mas não pela razão. Keyserling deveria ser o último a criticar a ciência, porque é êle um dos cidadãos atuais que mais a têm usado. Ele é um homem que critica a ciência comodamente afundado numa poltrona de molas, numa cabine especial do "Zepelin", com iluminação elétrica e to-

mando um sorvete de creme... Ou êle pensa que foi Annie Besant que construiu o "Zepelin", o trem, o elevador, o navio, o telefone, o telégrafo, que êle tanto usa e abusa? Keyserling é um ingrato. E' um dêsse filhos que ofendem o pai na hora do jantar. E' como os cães que mordem a mão de quem lhes dá o osso; ou o mendigo que agride o seu bemfeitor.

Ha hoje toda uma familia de mágicos. O que mais entristece, porem, é vêr Bergson incluído entre êles. E como pai. A mãe é Annie Besant. Os filhos são Keyserling, Spengler, Berdiaeff, Carrel. Este último é o mais moço e ignorante. Depois vem Keyserling, que pede tudo emprestado aos seus irmãos mais velhos. Tira de Frobenius e de Spengler. Vive apanhando as migalhas que cáem da mesa dos manos. E as faz render bastante, com espanto de toda a familia. Quando é dia de festa, êles dansam um minueto especial, que só êles sabem. Bergson comanda o grupo. Quasi sempre essas festas terminam em sessão espírita. Porque todos êles são espíritas. Defendem o espiritismo, a mediumnidade, a profecia, o pressentimento, a telepatia, e muitos outros fenômenos interessantes. Eu acho mesmo que se possa defender estes fenômenos, e é missão da ciência explicá-los. Mas por causas naturais. E todos que assim o fazem são cientistas. Denominem-se os seus adeptos, e quem os explica de outro modo sem ser com a ciência, de tudo, menos filósofos e pensadores. São espíritas, médiuns, mágicos; mas nunca pensadores e filósofos verdadeiros.

O mais perigoso em Keyserling, porém, é a facilidade com que atrai discipulos. Qualquer adolescente que o lê — mesmo sem ser adolescente — adere logo à sua doutrina e aspira uma poltrona numerada em Darmstadt. Chegará um tempo em que algum governo mandará escrever na capa dos livros de Keyserling, como hoje se faz junto aos cabos elétricos de alta voltagem: "Passe ao largo. Perigo de juízo".

Keyserling também é conselheiro dos cônjuges, dos negociantes, dos adolescentes. Casem em tal idade... tenham tantos filhos... usem marmelada de tal marca... não fumem charuto "Borboleta", porque faz mal à intuição... E assim por diante. E' por isso que muita gente se sente revoltada contra a inclusão de escrevinhadores assim na filosofia. Eles talvez sejam uteis, até mais uteis do que os filósofos, mas que se portem condignamente. Ou, pelo menos, que deixem em paz a ciência e a filosofia, e se entreguem de corpo e alma às suas liturgias.

De certa feita, um amigo me dizia que, para sentir melhor e prender mais o livro à paisagem, levou *As meditações sul-americanas* para lê-las montado a cavalo numa fazenda de S. Paulo. Querendo elogiar o livro, êle não percebeu o quanto declarava de verdade: Keyserling só deve ser lido durante um banho de mar, um vôo de aeroplano, ou um passeio a cavalo. Pelo menos, é útil nas quedas. Serve de amparo contra as pedras mais perigosas do caminho. E assim mesmo, só se fôr brochura... Está visto!